



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 06

Avis rara

Branca Vianna: Esse é o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Fico sentindo que às vezes a Novelo leva uma fama um pouco injusta e um pouco imerecida, de ser uma produtora de jornalismo investigativo.

A maior parte da equipe é de jornalistas, sim, mas eu não sou.

E, na maior parte das vezes, a gente não dá furo, não cavuca informação inédita...

O que a gente fez, quando contou a história da Ângela Diniz no *Praia dos Ossos*, por exemplo, foi só recontar aquilo que já tava ali – sob uma outra luz. Tem pesquisa, claro, mas não tem furo. A gente não revirou o lixo de ninguém, não encontrou nenhuma fonte anônima à noite num estacionamento.

Agora, tem casos e casos. Tem alguns assuntos que são de importância nacional – e que a Rádio Novelo não podia se furtar de arregaçar as mangas e investigar direito. A história de hoje é uma dessas. E, de quebra, é uma história natalina. Então o episódio de hoje vai ser todo dedicado a ela.

Quem vai contar essa saga – e você vai entender logo por quê que essa história tinha que ser contada por ele – é o Vitor Hugo Brandalise.

Vitor Hugo Brandalise: Quando eu era pequeno, de vez em quando o meu pai aparecia em casa com um balde branco na mão.

Vitor Hugo Brandalise: Mas o que eu lembro é assim: tinha um baldinho branco. Se você lembrar, tinha aqueles dois degraus da saída, saindo da garagem, e tinha dois degrauzinhos...

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Sim, Junior.

Vitor Hugo Brandalise: Aí colocava o baldinho ali...

Vitor Hugo Brandalise: Um dia, eu levantei a tampa pra espiar o que tinha dentro do baldinho. Eu tinha uns sete anos de idade.

Vitor Hugo Brandalise: E eu lembro de ter aquelas bolinhas brancas, e estavam ali, me chamavam a atenção.

Vitor Hugo Brandalise: O balde tava cheio até o topo dessas bolinhas brancas que, pra mim, pareciam muito com bala de coco. Sabe aquelas balas que faziam sucesso nas festinhas de criança dos anos 90? Aquelas com umas franjinhas que pareciam um pompom...

Na minha cabeça, o baldinho tava cheio dessas balas.

Só que o meu pai não é confeitoiro. Ele é veterinário, especialista em nutrição animal. Então era mais provável que o conteúdo do balde não fosse assim tão delicioso. Pelo menos pro meu paladar, enquanto espécie.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Era milho e soja, basicamente milho e soja.

Vitor Hugo Brandalise: Milho e soja, basicamente. Mas não só.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: E um pouquinho de farinha de vísceras... pena... quer dizer...

Vitor Hugo Brandalise: E um pouquinho de pena. Pena de galinha. E farinha de vísceras.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Altamente proteica, sangue e penas e também as vísceras.

Vitor Hugo Brandalise: Mas naquele dia em que eu finalmente consegui abrir o baldinho... Cê imagina, né? Criança, só podia acontecer uma coisa.

E o que é curioso nisso é que, pelo que eu me lembro, o meu pai tava ali, vendo. E ele não fez nada. Só ficou ali olhando, caladão, no pé da escada.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Pode ser que... Será que eu deixei mesmo?

Vitor Hugo Brandalise: Deixou. Eu lembro do gosto até hoje. Não era de coco.

Eu não lembro do meu pai tá com uma prancheta na mão naquela hora. Mas até faria sentido se ele tivesse. Porque, na verdade, o que ele tava fazendo – deixando o filho dele comer ração – era meio que uma expansão de um experimento.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Eu tava fazendo testes para ração de cães. Daí eu alimentava os nossos cães para ver se eles comiam.

Vitor Hugo Brandalise: Alimentava os cães, de vez em quando uma criança...

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: O objetivo era esse.

Vitor Hugo Brandalise: Pro meu pai, os nossos dois vira-latas – a Milka e o Beethoven – e agora eu, éramos cobaias.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Degustadores. Para ver, ah, essa é boa, essa não é.

Vitor Hugo Brandalise: Eu tô imaginando aqui essa prancheta do meu pai. E, nessa prancheta imaginária, ele ia anotar que as cobaias divergiram completamente na avaliação da ração. Uma delas, 30 anos mais tarde, ainda lembra perfeitamente da apresentação do prato, do ambiente, do sabor. Já os cachorros...

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Não gostavam nada, deixavam tudo lá. Não dava certo.

Vitor Hugo Brandalise: Mas essa rejeição não abalou o especialista. Porque ele não era um chef gourmet veterinário. Ele era nutricionista. E, pelo aspecto nutricional, ruim não era.

Vitor Hugo Brandalise: Ruim não era, né?

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Ruim não era, porque você tá aí comigo até hoje, né, Junior.

Vitor Hugo Brandalise: Ah, sim, você deve ter reparado no meu pai me chamando de "Junior". É porque a gente tem o mesmo nome. O meu pai é o Vitor Hugo Brandalise. E eu, porque achei mais curto pra usar no jornalismo, deixei o Junior pra lá – e passei a assinar igualzinho a ele.

E aquela "degustação" foi só mais uma das muitas que o meu pai acompanhou. A minha mãe também foi cobaia – ou "degustadora" – algumas vezes. Mas – talvez porque ela era mais exigente – o que ela provava não era ração.

Numa dessas vezes, ela teve o privilégio de degustar a carne de um animal que – fora um círculo muito restrito de pessoas – nunca ninguém tinha comido. Porque era um bicho novo – que não tinha nem sido criado pela natureza. Era um tipo de ave que ainda nem tinha nome. Que tava sendo inventada naquele momento. E que um dia apareceu pra minha mãe, dentro de casa, pelas mãos do meu pai. Mas não o bicho inteiro, só um pedaço.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Eu trazia, por exemplo, o peito, pra saber a degustação do tempero, como estava...

Vitor Hugo Brandalise: Só que muitas vezes ele abusava da condição de marido – e do paladar exigente da minha mãe – e invadia o local de trabalho dela com um pratinho.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Às vezes, não sei se a mãe lembra, que ela era dentista lá dentro do frigorífico.

Vitor Hugo Brandalise: E provava?

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Provava...

Vitor Hugo Brandalise: Quer dizer, na verdade eles dois trabalhavam na mesma empresa. Ele era nutricionista, e ela era dentista na Perdigão. No caso, dentista de humanos, tá? Dos funcionários. E, pelo que o meu pai tá contando, de vez em quando ela tinha que largar uma aplicação de flúor ou um tratamento de canal ali pra provar um pedacinho de peito daquela ave.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Aí dava um parecer, se tava muito salgado, se tava menos. Se pegou bem o tempero, se não pegou... Na época foram muito rigorosos e diziam "Ó, esse não está bom, esse tá bom. Esse é bom, esse não é..."

Vitor Hugo Brandalise: Eles tinham que ser rigorosos naquela avaliação porque a nova ave tinha uma missão difícil pela frente. Ela tava sendo criada pra desbancar um bicho que tá por aí há muito tempo.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Mas fazer frente ao peru nas festas natalinas.

Vitor Hugo Brandalise: Pra fazer frente ao peru – uma ave que faz parte da dieta do ser humano há pelo menos dois mil anos – que é quando o bicho foi domesticado, na América Central.

Já faz um bom tempo também que o peru é o prato principal em várias datas comemorativas.

Trecho de filme Dining Together (1950). Locutor: Thanksgiving...

Vitor Hugo Brandalise: Principalmente nos Estados Unidos.

Trecho de filme Dining Together (1950). Locutor: And the smell of turkey!

Vitor Hugo Brandalise: Eu nunca comi peru assado na vida – e já vai ficar claro por quê.

Mas tá no nosso imaginário, aparece direto em filme, até desenho animado: no Dia de Ação de Graças, no Natal, tá lá o peru lindão, dourado...

Trecho de filme Turkey Dinner (1989): If this turkey tastes half as good as it looks...

Vitor Hugo Brandalise: ... reinando no centro da mesa rodeado de uns purês e de uns molhos.

E nessa época em que eu era criança, no começo dos anos 1990, o peru tava ganhando espaço nas ceias natalinas também no Brasil.

Propaganda Peru da Sadia Anos 80 – Jingle bells na voz do peruzinho da Sadia: Hmm, que cheirinho de Natal!

Vitor Hugo Brandalise: A nova ave – aquela que a minha mãe provou – tinha como missão de vida interromper essa trajetória ascendente. Na mira dela, tava um peru que tinha nome e sobrenome.

Propaganda Peru da Sadia Anos 80: A Sadia deseja um Natal do Peru pra todo mundo. Com Peru da Sadia, é claro.

Vitor Hugo Brandalise: O peru da Sadia. Teve um tempo em que o meu pai falava tanto desse bicho que, pra mim, soava quase como uma palavra só: perudassadia. Perudassadia isso, perudassadia aquilo. Mais aquilo do perudassadia.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Sadia e Perdigão. A concorrência na época era grande entre Sadia e Perdigão.

Vitor Hugo Brandalise: Fla-Flu. Grenal. Ou, pra fazer um paralelo da minha terra: uma rivalidade tipo Avaí e Figueirense – se é que você me entende. Uma concorrência tão grande que, na cidade-sede de uma empresa, era difícil encontrar os produtos da outra. Era quase um palavrão falar de Sadia na cidade da Perdigão. Hoje é tudo a mesma empresa, né? A BRF, Brasil Foods. Mas naquela época elas ainda eram concorrentes.

Agora, quando chegava a época do Natal, essa concorrência ficava totalmente desequilibrada: a Sadia tinha o peru, e a Perdigão não tinha nada. Até que essa nova ave começou a sair do papel.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: E, na verdade, a Perdigão nessa época desenvolveu um produto que chamou atenção do Brasil. Todo mundo queria saber o que que era um Chester.

Vitor Hugo Brandalise: O Chester. Eu conheço bem a história do Chester. Na minha casa, se fala desse bicho desde sempre. Desde sempre pra mim, que nasci nos anos 80. A origem do Chester, de onde ele veio, as dificuldades envolvendo esse negócio...

Eu sei que muita gente tem curiosidade em saber o que raios é o Chester, e de onde esse bicho veio. Eu nunca publiquei essa história até agora, mas eu já contei muitas vezes uma versão resumida dela na mesa do bar, ou tentando impressionar alguém.

Foi um dos assuntos que eu usei pra conquistar... não a minha companheira, que não deu nenhuma bola quando eu tentei. Mas os meus sogros, por exemplo, se amarraram. Então eu sei que essa ave provoca reações.

Não é à toa que tem tanta lenda em torno do Chester. Sempre teve uma aura de mistério ao redor dele – em parte, porque a estratégia da Perdigão é essa mesmo: a empresa nunca deu muitos detalhes sobre a ave.

Até o *New York Times* ficou encucado. Em 2016, o jornal publicou uma reportagem sobre o Chester. Olha o título: “A mítica super-galinha brasileira: o que, exatamente, é um Chester?”

O texto – que era super bem-humorado, claro – era assinado pelo Simon Romero, que era o correspondente do Times no Brasil naquela época. Já no começo, a reportagem trazia algumas das lendas a respeito dessa super-galinha: “O Chester realmente vem do Polo Norte e migra todos os anos pro Brasil? Ele é mesmo gerado por galos de um metro de altura? O Chester dá em árvores dentro de um laboratório?”

A gente já vai falar dos pormenores anatômicos do bicho. Ou melhor: o meu pai vai.

Eu tô aqui falando de ração, das lendas e da origem do Chester porque eu nasci na cidade onde essa ave surgiu.

Não fica no Pólo Norte – apesar de muita gente desse lugar, nos últimos tempos, parecer que vive em Nárnia. Fica em Santa Catarina.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Na cidade de Videira, no caso...

Vitor Hugo Brandalise: Os meus pais moram em Videira, no meio-oeste catarinense, até hoje. A cidade tem esse nome porque ela nasceu como um lugar de cultivo da uva. Videira, uva... Mas depois ela ficou conhecida por um outro produto...

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: ... onde nasceu, foi o berço da Perdigão...

Vitor Hugo Brandalise: E também...

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: ... e o berço do Chester, no caso.

Vitor Hugo Brandalise: A minha família assistiu todos os lances do voo meio desajeitado desse bicho até ele virar uma presença constante na ceia de Natal dos brasileiros.

Eu não encontrei uma pesquisa sobre isso, mas eu suspeito que o Chester da Perdigão já seja tão presente quanto – ou mais até do que – o peru da Sadia.

Alguns amigos brincam que eu sou herdeiro da Perdigão. Eu já ouvi isso muitas vezes. Mas não é exatamente o caso. Sim, tem familiares meus entre os fundadores da empresa, na década de 30, em Videira. Mas o meu avô morreu bem cedo, quando o meu pai tinha 3 meses de idade. Então, sim, a minha família ajudou a fundar a empresa, mas o meu ramo da família – do meu pai e dos meus tios – sempre trabalhou na área técnica. O meu tio Edésio era um deles.

Vitor Hugo Brandalise: O tio Edésio era especialista em genética?

Vitor Hugo Brandalise: Ele era um dos irmãos mais velhos do meu pai.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Não, o tio Edésio também era um especialista em nutrição no início da carreira, e depois ele foi o gerente geral da agropecuária, o diretor técnico.

Vitor Hugo Brandalise: Durante três anos, ele foi o responsável técnico por uma operação que correu dentro de um segredo industrial que já dura décadas. E que, no fim, resultou num novo bicho.

Quer dizer, naquelas mesas de bar, nos meus papinhos pra chamar a atenção, eu sempre dizia – com um fundo bem concreto de verdade – que foi “o meu tio quem inventou o Chester”.

Antes de começar a contar essa história, um aviso. Eu sei que a criação de animais pro abate é um tema polêmico – e com toda a razão pra ser. Essa é uma luta histórica de ativistas em defesa dos direitos dos animais e dos defensores dos direitos trabalhistas também, porque o trabalho em frigoríficos pode ser extremamente degradante.

A ideia de contar essa história aqui hoje não tem nada a ver com a "romantização" desse processo. O que eu queria era contar essa história brasileira. Que por causa dos meus laços familiares eu consegui ter acesso a detalhes dela – e que eu acredito que tenha interesse público. Porque, como eu disse, não são poucos os boatos e teorias envolvendo o Chester. E, quer a gente concorde ou não com o processo, tudo isso aconteceu. E aconteceu há 30, 40 anos. Num momento em que várias dessas discussões importantíssimas de hoje eram incipientes, ou ainda nem existiam.

Dito isso... vamo lá.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: ... porque o início do Chester, o nascimento foi no incubatório de Videira.

Vitor Hugo Brandalise: O meu pai tava lá desde o comezinho. Incubatório é onde nascem os pintinhos. Mas o meu pai tá se adiantando aqui. Essa história começa antes do primeiro filhote romper a casca do primeiro ovo de Chester. O ano era 79.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: 79, no ano de 1979.

Vitor Hugo Brandalise: O que a Perdigão divulga é que, nesse ano de 79, a empresa mandou dois funcionários pros Estados Unidos. O objetivo, a gente já sabe, era encontrar algum frango grande o suficiente pra competir com o peru da Sadia no Natal. E um desses técnicos enviados pela direção da Perdigão era o meu tio Edésio.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: E o Edésio era...

Vitor Hugo Brandalise: O tio Edésio e outro veterinário, chamado Mário Ricciardi, foram buscar esse frango em Maryland.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: ... foram a Maryland, nos Estados Unidos,

Vitor Hugo Brandalise: Mais especificamente na região de Baltimore.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: ... encontraram um geneticista. O Edésio pesquisou na época e foi informado que tavam tentando desenvolver esse frango melhorado.

Vitor Hugo Brandalise: "Tentando desenvolver" um frango melhorado. A ideia então não era trazer um animal pronto. E, sim, fazer um frango novo.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: O que aconteceu foi o seguinte: desenvolvimento genético.

Vitor Hugo Brandalise: No bar, eu sempre falei dessa coisa de "melhoramento genético" comparando com aquela história das ervilhas do Mendel, que a gente aprende na escola. Pra quem não lembra, esse cientista, o Gregor Mendel, é considerado o Pai da Genética. E ele fez um experimento com ervilhas no século 19.

Bem resumidamente: o Mendel cruzava ervilhas com uma determinada característica – tipo a semente ser verde ou amarela – pra entender qual

traço passava pro descendente. E então ele entendia qual era o traço “dominante” da espécie. Foi um achado tão importante, que as “leis de Mendel” formam a base da genética clássica.

Bom, quando o meu tio e o colega dele foram pra Baltimore representando a Perdigão, eles com certeza não tavam pensando em ervilhas.

E eles sabiam quem que eles iam procurar: um geneticista chamado Ira Carter, que tinha desenvolvido uma linhagem de galinhas.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: ... esse Ira Carter desenvolveu essa linhagem, voltada pro desenvolvimento muscular de carne no peito e coxas.

Vitor Hugo Brandalise: Peito e coxas. Essas devem ser algumas das palavras que eu mais ouvi o meu pai falar na vida. Peito e coxa. Peito e coxa.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Peito e coxa. Mais voltado para a estrutura muscular no peito.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Esse geneticista, o Ira Carter, era conhecido pelo trabalho que ele fazia cruzando frangos pra criar super frangos. Quer dizer, basicamente pra chegar em frangos que tivessem o peito e as coxas mais desenvolvidos – maiores. Mas não só isso.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: E também a maciez, a maciez da carne também tinha muito a ver.

Vitor Hugo Brandalise: O Carter trabalhava com galinhas de carne mais macia, que ele chamava de “Tender Chicken”. E o meu tio e o colega dele se convenceram que a ave que eles tavam procurando podia vir dali.

Eles foram pra lá porque a indústria avícola dos Estados Unidos tinha tecnologia mais avançada do que a do Brasil.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Porque, na verdade, quem era o detentor das linhagens avícolas do Brasil eram os Estados Unidos. O Brasil na época não tinha vida própria.

Vitor Hugo Brandalise: Por isso, eles partiram pra Maryland – que é um dos estados americanos que têm tradição em avanços tecnológicos nessa área.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: ... e lá eles buscaram essa tecnologia e trouxeram para o Brasil.

Vitor Hugo Brandalise: Tá, mas como é que se "traz uma tecnologia"? Tipo, na prática? Até a parte dos cruzamentos de frango eu sabia – que a ideia era conseguir um animal “melhor”, entre aspas, pro que a indústria tava procurando. Mas o que é que exatamente o meu tio tinha trazido? Essa era uma parte da história que nunca tinham me contado.

Vitor Hugo Brandalise: Uma coisa que eu acho que nunca perguntei é: o que é, pai, que eles trouxeram para o Brasil? Eles foram até lá, trouxeram e trouxeram o quê?"

Vitor Hugo Brandalise: Eu sempre falei brincando que o meu tio tinha trazido o ovo do Chester na mala...

Vitor Hugo Brandalise: Trouxeram o ovo do Chester?

Vitor Hugo Brandalise: Mas aí o meu pai veio com uma informação totalmente nova pra mim.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Não. As avós. A Perdigão importou avós, frango vivo.

Vitor Hugo Brandalise: As avós: as galinhas ancestrais do Chester.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Veio na época aprovado pelo ministério.

Vitor Hugo Brandalise: O meu pai me explicou que dessas avós saem – na linguagem totalmente adaptada pra produção em escala industrial – as “matrizes”. As galinhas que botam os ovos do Chester.

Bom, então o meu pai tava me contando que essas “avós” foram importadas...

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Já veio com 30 mil, para desenvolver, pra alojar um aviário. Para alojar um aviário, um aviário com essa capacidade.

Vitor Hugo Brandalise: Vem de navio?

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Vem de avião.

Vitor Hugo Brandalise: De avião?

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: De avião.

Vitor Hugo Brandalise: Ô pai, cabe 30 mil?

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Ah, avião de carga. Eles vêm alojados em gaiolas.

Vitor Hugo Brandalise: Você já viu isso?

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Já...

Vitor Hugo Brandalise: Então me conta como é que é isso...

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Avião cargueiro, um avião que veio, traz nas gaiolas, eles vêm os pintainhos, vêm as galinhas e vêm ali.

Vitor Hugo Brandalise: Então, peraí. São 30 mil pintinhos num avião.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: É, 30 mil avós, no caso pequeninhas e que vem para cá.

Vitor Hugo Brandalise: Cada avó é um pintinho.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: É, cada avó é um pintinho. É interessante, viu?

Vitor Hugo Brandalise: Eu achei curioso. Fiquei viajando na imagem do avião cargueiro cheio de filhotes. Mas aí, uns dias depois, o meu pai me mandou uma mensagem meio misteriosa no WhatsApp. Vou ler: “Com relação à vinda de pintinhos, não foi. Depois explico mais.”

Tá certo. No mundo do Chester, o buraco é sempre mais embaixo. Então eu marquei de falar com o meu pai de novo.

E o que eu não sabia é que aquele trechinho da história que ele me contou errado ia despertar um ímpeto investigativo no meu pai que eu também não tinha ideia que ele tinha.

E aí, ele apareceu com mais informações que eu nunca tinha ouvido falar — e que ajudam a entender o porquê dessa aura de mistério que cobre o Chester ao longo dos anos.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Bom dia, Junior!

Vitor Hugo Brandalise: Pai, então, o que é que você descobriu? Como é que é essas novas coisas que você quer me falar?

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Na verdade, eu fiquei umas três semanas um pouquinho também apreensivo. E eu dizia que até tenso, estressado. Na busca de trazer uma informação o mais correta possível.

Vitor Hugo Brandalise: É, parece que stress é um traço... genético.

Nessas três semanas que o meu pai ficou tenso, ele fez um movimento: ele reuniu a velha guarda, procurou outros três veterinários da equipe técnica do Chester, com quem ele mantém contato até hoje. Ele queria recuperar os primórdios desse trabalho comandado pelo meu tio Edésio.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Não foram pintinhos como eu, eu tinha pensado que era, na época. Porque é muito tempo atrás, a memória também, a gente esquece um pouquinho, então...

Vitor Hugo Brandalise: Na verdade, nem era muito diferente da história que eu contava brincando: que o meu tio tinha trazido ovos na mala.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: ... na verdade, vieram ovos nesse período. Ovos, para incubação.

Vitor Hugo Brandalise: Só que...

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: ... de 3.000 a 5.500 ovos,

Vitor Hugo Brandalise: E 3 mil a 5 mil e quinhentos ovos não cabiam na mala.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: de 3.000 a 5.500 ovos, porque a taxa de incubação quando vai muito bem é 85% de ovos fértil, nascem. Que eles foram trazidos de Maryland...

Vitor Hugo Brandalise: Isso tava certo! Maryland. Baltimore.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Através de uma companhia aérea específica em transportes de aves vivas. Então, o destino dele foi Viracopos.

Vitor Hugo Brandalise: Esse era o aeroporto autorizado pelo ministério da Agricultura a receber cargas vivas.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: E após chegarem também em Campinas, precisa ter tudo... os papéis todos, a parte burocrática, para serem desembaraçados e destinados a Videira. O mais rápido possível, porque a cada dia que fica, menos fértil poderá ser, no incubatório.

Vitor Hugo Brandalise: Como também costumava acontecer na sala da minha casa, eu já tava satisfeito com o nível de detalhe nas explicações do meu pai... Mas ele tava decidido a contar em pormenores a história de origem do Chester.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Então, continuando, lembrando um pouco, o que, o que fazer com esses ovos, agora?

Vitor Hugo Brandalise: É! O quê?

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Então os ovos, todos separados, identificados, eles são transportados, com muito cuidado em caminhões específicos, próprio para o transporte de ovos férteis, cuidando da temperatura, da umidade interna do furgão, enfim, todos os cuidados para que o ser vivo que está ali dentro, o embrião, continue vivo. Então eles foram incubados no incubatório, que hoje sendo BRF está bem mais moderno...

Vitor Hugo Brandalise: Só lembrando: Perdigão e Sadia hoje são uma empresa só, a BRF.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: ... mas era um incubatório bastante simplório na época. Chamava incubatório Santa Gema. Portanto, após 21 dias esses pintinhos nasceram.

Vitor Hugo Brandalise: Ok, nasceu, beleza. Nasceu o Chester? Ainda não. É só aí que começam os lances de engenharia genética que iam dar no novo bicho — a partir daquela velha técnica do Mendel.

Esses pintinhos, que nasceram dos ovos importados, eram os antepassados dos primeiros Chesters.

O meu pai nessa época era o chefe do departamento de rações da Perdigão. Título chique, né? Só que era um departamento com um número de funcionários bem reduzido: só ele mesmo.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Só, na época nós não tínhamos dinheiro suficiente para contratar mais pessoas, então eu tinha que trabalhar sozinho.

Vitor Hugo Brandalise: Justamente por isso ele acompanhou muito bem — porque teve que acompanhar — os passos iniciais do Chester.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Eu fui conhecer quando entregamos a primeira carga de ração, eu já fui acompanhar. No primeiro dia já estava tudo arrumadinho, esperando eles, para eles começarem a se alimentar.

Vitor Hugo Brandalise: A ração já tava toda ali, só esperando. E se tem uma parte dessa história do Chester que eu já ouvi um milhão de vezes, é a parte da ração.

Vitor Hugo Brandalise: Você fez a primeira ração do Chester, você que fez.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Fui. Fui eu que fiz com muito cuidado...

Vitor Hugo Brandalise: Ele fez a primeira ração do Chester. Na verdade, ele fez logo cinco tipos de ração. E eu quase consigo falar de cor por que é que são cinco tipos de ração: "Enquanto que o frango de corte..."

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Enquanto que o frango de corte tinha duas ou três, no máximo três...

Vitor Hugo Brandalise: O meu pai costuma ser bem técnico nessa parte.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: A diferença era que ele necessitava de mais minerais...

Vitor Hugo Brandalise: Em casa, na mesa do jantar, eu não tinha pra onde correr. "Um pouquinho mais de cálcio e fósforo"...

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: ... um pouquinho mais de cálcio e fósforo e um pouquinho mais de vitaminas...

Vitor Hugo Brandalise: Mas eu vou te poupar dessa, e usando o poder da edição, eu vou resumir essa história: o Chester precisava de mais tipos de ração basicamente por duas razões.

A primeira é porque ele vivia mais tempo – 90 dias nessa época – enquanto o frango comum vivia só uns 40 dias.

A segunda é porque o Chester precisava de um outro tipo de "distribuição nos nutrientes" – e é isso que importa mais nesse capítulo da história.

Foi essa "distribuição nos nutrientes" que permitiu que essa velha guarda da genética animal brasileira se intrometesse na seleção natural.

Foram várias as viagens do meu tio Edésio pra Baltimore. Pelo menos quatro idas, pra encontrar o tal do Ira Carter, pra conhecer vários tipos de frango, e negociar a compra do pacote genético que ia dar no Chester.

Quando a negociação terminou, o meu tio voltou com os ovos... nove tipos diferentes de ovos. E aqui tá a chave da criação do bicho. Eram nove linhagens de frangos – nove “linhas puras”, como o meu pai me disse. Cada linha com uma característica própria.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Uma linha era mais propensa a ter o melhor empenamento, outra linhagem tinha melhor ganho de peso.

Vitor Hugo Brandalise: Outra tinha mais peito, outra mais coxa, outra dava mais ovos...

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Outra linhagem, menos dias para atingir o peso de abate...

Vitor Hugo Brandalise: E assim por diante. Essas nove linhas é que iam ser cruzadas várias vezes, de novo e de novo, até chegar no frango que essa indústria queria.

O meu pai sempre enfatizou que esse tipo de trabalho – pelo menos com aves – nunca tinha sido feito no Brasil. O que ele nunca tinha me dito era como foi precário.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Éramos técnicos novos, e na época, 79, não tinha computador para fazer as formulações, não tinha um programa específico para formular. Era na caneta, na mão e pensamento. Escolhiam a ave no olho, olhavam para elas e "essa aqui tem um bom peito", "essa que tem uma boa coxa", "esse aqui vamos cruzar com esse", esse aqui vamos dar assim...

Vitor Hugo Brandalise: Era melhoramento genético na unha. O meu tio e a equipe dele varavam madrugadas nisso.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Ele pegava as penas, separava assim, soprava o peito dela, as penas uma prum lado do outro, olhava como é que era a formação desse peito, se estava numa boa conformação, separava. Aí pegava um outro, não, esse aqui é um olho quinado, o peito tem quilha, daí não é bom...

Vitor Hugo Brandalise: Com as coxas, era a mesma coisa.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Também pegava, apertava, olhava, dava umas assopradinhas também, olhava o comprimento dela, não era, se não era, não podia ser muito comprida, senão não ia dar... fazia as medições, media o tamanho, o comprimento dela, olhava e fazia isso aí, separava.

Vitor Hugo Brandalise: Foram três anos disso. Acordar de madrugada, escolher frango pela envergadura da coxa.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Um trabalho técnico árduo. Não foi fácil, mas chegamos ao final de uma ave não perfeita, mas conseguimos atingir os objetivos, nos primórdios ali, iniciais, daquilo que nós queríamos.

Vitor Hugo Brandalise: O que eles queriam, claro, era desbancar o peru.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: ... a melhoria da carne do peito e da coxa do Chester porque sabíamos que o peru da concorrente Sadia era muito fibroso. Não tinha aquele, aquela performance como o Chester apresentou.

Vitor Hugo Brandalise: O Chester foi criado pra ser um espelho invertido do peru. Um "antiperu". Por exemplo: tinha essa ideia de que a coxa do peru era seca, fibrosa. "Incomível" – como disse um dos veterinários com quem o meu pai falou pra ajudar ele a lembrar.

Então, na hora de formar os casais, eles escolhiam a dedo as galinhas que tinham as coxas mais macias e mais suculentas – como aquela que eles deram pra minha mãe provar.

Agora, todo esse empreendimento é uma tentativa de brincar de Deus. De interferir nos processos naturais.

Existe esse bicho, resultado da evolução e da seleção natural, que é o peru. E esses técnicos tinham a missão de criar um inimigo à altura desse bicho natural numa rinha de aves na ceia natalina brasileira.

Pra competir com o peru, eles resolveram criar um super frango, manipulando a evolução de uma galinha... na marra. Assoprando pequenas penas. Apertando pequenas coxas.

Só que a gente sabe, de assistir a Sessão da Tarde, que quando um cientista resolve brincar de Deus, coisas estranhas podem acontecer...

E claro que isso aconteceu no caso do Chester.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Porque ele tinha uns problemas de perna, por ser muito pesado, e aí caía e não... Aí dava problema no peito, machucava o peito.. Ele fica só deitado.

Vitor Hugo Brandalise: Porque crescia demais?

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Porque crescia demais. E a parte da musculatura, a musculatura era tão pesada que os ossos não aguentavam.

Vitor Hugo Brandalise: Uma das lendas sobre o Chester era que o bicho não andava, passava a vida parado, engordando. Bom, durante um tempo, enquanto não eles não davam um jeito de corrigir esse erro, ele teve mesmo dificuldade pra andar. A solução desse problema de distribuição do peso tava nas mãos do meu pai. O Chester não ia crescer do mesmo jeito que os outros frangos. Então eles tinham que fortalecer a estrutura do bicho.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Com a melhoria na ração, no nível de aporte cálcio, fósforo e redução do tempo de abate. Foi o que aconteceu. Com 65 dias ele já não tinha mais esse problema. 65 dias ele já atingia o peso de abate e era abatido.

Vitor Hugo Brandalise: Eram 90 dias lá do começo, viraram cerca de 60, 65 dias, com o mesmo peso. Era suficiente pro que a Perdigão queria.

E então, em 1982, três anos depois de os primeiros ovos chegarem ao Brasil, o Chester tava pronto para ser lançado. E ele era bem diferente dos frangos antepassados dele.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: 70% de carne no peito e coxa.

Vitor Hugo Brandalise: 70% de peito e coxa. Isso é bem mais que uma galinha típica, que tem 45% do peso nessas partes. Tava bom, a indústria já tava ficando satisfeita.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: É um frango que na época do Natal serve oito pessoas. Quer dizer...

Vitor Hugo Brandalise: Dá pra notar o orgulho na voz do meu pai reivindicando o quinhão dele na autoria desse bicho, né? E, claro, como o nutricionista que colaborou pra esse feito, ele tinha toda a razão pra isso.

Agora, vários detalhes da "concepção" do Chester desde o princípio passaram meio ao largo dele. E ele tava ciente de que tinha outra pessoa que seria perfeita pra me contar essa história.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: ... se o Edésio estivesse conosco, ele com certeza ilustraria muito mais essa nossa conversa, Junior. N funcionários passaram junto com ele, mas quem realmente sabia era ele.

Vitor Hugo Brandalise: O meu tio morreu em 2009. Eu já era jornalista nessa época, mas eu bobeei e acabei nunca fazendo uma entrevista propriamente com ele, só uma ou outra conversa sobre o Chester – principalmente depois que eu descobri o quanto as pessoas de fora da família achavam esse bicho curioso.

Um detalhe importante que o meu pai não sabia, por exemplo, era de onde tinha vindo o nome "Chester". Durante a minha vida toda, esse nome sempre foi muito natural pra mim. Tipo borboleta, ou cavalo. Um chester.

Quando eu comecei a aprender inglês, eu me dei conta de que o nome vinha de "chest" – que é peito, busto em inglês. E aí o final "chester" era pra pontuar um aumentativo, tipo: "mais peito". Mas depois eu descobri que isso era um pseudo-anglicismo. Porque ninguém usa a palavra "chest" pra falar de peito de frango. Se usa "breast". "Chicken breast".

O meu pai não sabia nada da história de origem do nome. Então ele sugeriu que eu falasse com o Carlos Machado – um veterinário que era da equipe do meu tio, que passou um mês em Baltimore com ele quando eles tavam selecionando a ave.

Eu liguei pro Carlos, e ele logo me contou que outros nomes tavam na mesa. Uma ideia que surgiu ainda lá nos Estados Unidos era chamar o novo bicho de "Breaster" mesmo – sem pseudo-anglicismo. Só que tinha um problema...

"Brw", "Brwe"... Breaster... era meio difícil de pronunciar. O pessoal de estratégia da Perdigão vetou esse nome, e veio com uma contraproposta – que massacrava de novo o inglês... se "Breaster" era difícil de falar, que tal "Bester"? "Best", afinal, é uma coisa boa, "the best", "o melhor"! "Bester", então, é "o maior melhor"! Um nome excelente pra um produto, né? Não importava se essa palavra não existia em inglês.

Eles curtiram tanto a ideia que até chegaram a registrar o nome no INPI, o Instituto Nacional de Propriedade Industrial. Mas acabou não colando também.

Aí um outro gaiato veio com outra ideia dessas que caem como uma luva: "Peitudo". Direto ao ponto, né? Não era essa mesmo a ideia?

"E nessa ceia, vamo então de Peitudo?" "Já tá no ponto, o Peitudo?"

Esse nome também tá registrado lá no INPI no nome da Perdigão, mas também não foi pra frente. O que acabou colando mesmo foi o Chester.

E o que Carlos não conseguiu lembrar é de quem foi a ideia.

Eu tava lamentando tanto não poder conversar com o meu tio Edésio, que eu não resisti e fui atrás de outra pessoa. Alguém que conheceu muito bem o meu tio.

Lânia Brandalise: É uma emoção, Junior, realmente...

Vitor Hugo Brandalise: A minha tia Lânia foi casada com o meu tio durante 35 anos.

Lânia Brandalise: ... o meu companheiro, né? Foi companheiro 35 anos em vida, né.

Vitor Hugo Brandalise: E ela trouxe uma nova dimensão pra essa história.

Lânia Brandalise: O Edésio muitas vezes chegou a dizer "é quase que um filho nosso", porque na época nós não tínhamos nem a Eduarda, né?

Vitor Hugo Brandalise: Um filho tratado com cuidado e preocupação.

Lânia Brandalise: ... tão, tão focado nessa ave, né? "Não, é o nosso filho, é o nosso filho..."

Vitor Hugo Brandalise: O Chester.

Lânia Brandalise: É, tenso, assim, né? Muita preocupação.

Vitor Hugo Brandalise: Muita preocupação. Tá mais um traço genético que deve passar de tio pra sobrinho...

Lânia Brandalise: Isso não tem como dizer que não, né? Nossa. Como já interferiu no sono, mais dores de estômago. Tinha vezes, assim, que eu

ficava muito preocupada de ver que ele não dormia à noite, ele levantava, ia fazer um chá, voltava. E outro dia, 7 horas da manhã tava em pé pra ir trabalhar.

Vitor Hugo Brandalise: E é preocupação por quê que era, tia?

Lânia Brandalise: Eu acho que isso, pelo desafio de um produto novo, a gente sabendo que ia ser lançado, de toda aquela expectativa, né? De como é que vai ser... De como é que vai ser a aceitação. Mas nunca, né, imaginando assim... essa proporção, né?

Vitor Hugo Brandalise: A gente lançou o Rádio Novelo Apresenta há um mês, e deu pra ter uma ideia do que é se preocupar com a recepção de um projeto novo.

E, no caso do meu tio, tinha gente pensando nisso há mais tempo ainda. Depois de uma gestação que durou três anos, aquele bicho não ia ver a luz sem fazer alarde.

Lânia Brandalise: ... que essa propaganda...

Propaganda Chester Latim/Trapalhões: Queremos Chester.

Lânia Brandalise: ... que aquele cenário romano, né?

Propaganda Chester Latim/Trapalhões: Hmmm, avis rara!

Lânia Brandalise: ... com o humorista que na época era conhecido, que eu não consigo lembrar o nome...

Propaganda Chester Latim/Trapalhões: Degustati-vos Chester.

Lânia Brandalise: ... que era o "Habemus Chester".

Propaganda Chester Latim/Trapalhões: Perdigão est.

Vitor Hugo Brandalise: "Habemus Chester" foi uma campanha publicitária pensada, primeiro, pra dizer que, sim, agora existe um negócio chamado Chester. Uma das peças da campanha era com os Trapalhões. Era um comercial todo trabalhado... no latim. Ou algo parecido com latim.

Fazendo uma análise psicológica/ semiótica de boteco aqui, dá pra dizer que a ideia dessa propaganda era tentar inserir essa ave nova numa tradição. Uma tradição tão antiga quanto a do peru. Os Trapalhões na Roma Antiga, falando

latim... quer dizer: eles tentaram todo tipo de cruzamento pra cair no gosto do pessoal.

Quão ousado você tem que ser pra tentar emplacar um novo animal no mundo? Pra ir contra a corrente da natureza – como a gente tá vendo aqui – você tem que se esforçar muito. Vale latim. Vale Trapalhões. Vale até uma banda.

Banda Chester Show: Pout pourri instrumental com Besame Mucho.

Vitor Hugo Brandalise: Essa é a banda Chester Show. Sim, esse é o nome. E ela tinha também um slogan: “produto do nosso sentimento”. Era uma banda estilo "big band", criada pela Perdigão pra percorrer o Sul do Brasil, carregando a bandeira do novo frango. Eu tenho uma memória bem remota da agitação dos meus pais quando a “banda Chester” ia tocar.

Mas teve uma outra ação promocional do Chester, de meados dos anos 80, que eu lembro bem. Porque eu até participei dela.

Lânia Brandalise: Foi a banda e foi o futsal, né, Junior?

Vitor Hugo Brandalise: A Perdigão criou um time de futebol de salão pra promover a marca – e a ave. Nessa época, a empresa fez um investimento grande pra transformar essa cidadezinha de Videira na "capital nacional do futebol de salão" E conseguiu, viu?

Tia Lânia: Porque veio um rapaz de Minas que era o melhor jogador da época. Jackson.

Narração Final Brasileiro de Futsal 1990: De novo em Videira, Santa Catarina...

Vitor Hugo Brandalise: O time que a empresa montou foi bicampeão brasileiro, tricampeão sulamericano, várias vezes campeão catarinense... vice-campeão do mundo em 87.

Narração Final Brasileiro de Futsal 1990:... Campeonato Brasileiro de Futebol de Salão.

Vitor Hugo Brandalise: A torcida – da qual eu fiz parte, com pouca idade e um pompom na mão – se chamava "Torcida Chester". Tinha o nome do frango

estampado nas camisetas dos torcedores e um chesterzão peitudo como mascote.

Narração Final Brasileiro de Futsal 1990: Perdigão, campeã da décima sétima Taça Brasil de Futebol de Salão. 4 x 0...

Vitor Hugo Brandalise: Com essa campanha multifacetada, que tentava conquistar, ao mesmo tempo, estômagos, corações e mentes, o Chester foi ganhando espaço.

Mas, mais do que o latim, os Trapalhões, a banda e a equipe de futsal, tem um elemento que ajudou a popularizar o Chester muito mais do que qualquer outro: o mistério em torno do bicho.

A tia Lânia me contou que o tio Edésio usava muito a expressão “segredo industrial”.

Lânia Brandalise: Tinha uma coisa muito séria de segredo de estado, assim, né?

Vitor Hugo Brandalise: Eles não divulgavam foto das granjas, não davam muito detalhe de que bicho era aquele. Ou o que tinha dentro dele.

Lânia Brandalise: ... o que causava uma curiosidade. E aí parece que tem parece que tem um segredo. Está meio tipo assim. O segredinho da Coca-Cola, assim... Tempero de Chester... Não, eu sei que isso é guardado a sete chaves até hoje, assim...

Vitor Hugo Brandalise: O meu pai já tinha enfatizado bem, pra mim, a participação do tempero pra aceitação do Chester. Ele, claro, falou usando a linguagem técnica dele. Explicou em detalhes que, depois do “depenamento” e de a ave passar pelo “chiller”, as “agulhas perfurantes” “injetavam” o tempero secreto no bicho.

Esse processo o meu pai conheceu bem. E ele adora falar sobre isso. Aliás, sempre que ele acha que um ponto é importante, ele esquece totalmente que tá falando comigo e quebra a quarta parede desse podcast.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Olha, pessoal, o tempero, um tempero na época desenvolvido também pelo Dr. João Degenhart, que é um bioquímico na área de frigorífico...

Vitor Hugo Brandalise: Eu tava sentindo que o meu pai tava prestes a contar o segredo da fórmula secreta da Coca-Cola – quer dizer, do tempero do Chester – e o jornalista investigativo que habita em mim não se segurou.

Vitor Hugo Brandalise: O tempero que ele fez, o João, era como, que que tinha? Tinha cebola?

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Tinha ah, cebola, alho, cebola, alho, comin...
Lembro que era comilho...

Vitor Hugo Brandalise: Cominho?

Vitor Hugo Brandalise: Cominho, noz moscada, eu lembro que tinha.
Vinho branco, alho, cebola, salsinha...

Vitor Hugo Brandalise: Esses grandes segredos da indústria de alimentos, tipo molho especial do Big Mac. Parecem uma caixa-preta durante décadas, e depois a gente descobre que era catchup, mostarda e maionese. Além, é claro, de um monte de corantes, espessantes, realçadores de sabor e aditivos – como qualquer produto que saia de uma indústria alimentícia.

No caso do Chester, do tempero original, o que sobrou hoje foi a cebola e o alho, segundo o rótulo do produto, além de um aroma natural de aipo e do glutamato monossódico, um realçador de sabor presente em milhares de produtos da indústria de alimentos.

Agora, fora o tempero, foi a minha tia quem me ajudou a entender o porquê de tanto segredo em torno do bicho. Pra além do marketing, que isso já tá na cara.

Era o medo de tá lidando com um bicho totalmente desenvolvido em laboratório.

Lânia Brandalise:... eu sentia uma preocupação muito grande em relação a essa coisa sanitária, preocupação de que, meu Deus, se pegasse qualquer coisa, ou desse qualquer coisa assim, o rombo que seria. Imagine, acontecer alguma coisa com essas avós aí, enfim. Tinha que ser todo aquele cuidado pra não haver nenhuma infecção...

Vitor Hugo Brandalise: É que, se uma linha pura pega uma doença, ela se espalha como rastilho de pólvora.

Tia Lânia: Tanto que assim as granjas todas depois que foram preparadas pra isso, né? Aquele cuidado sanitário assim deles, né, de

tomar banho antes de entrar e se vestir com vestimenta toda esterilizada.

Vitor Hugo Brandalise: Uma razão mais prosaica e também ligada ao marketing, é que tem uma regra na indústria de alimentos que é não mostrar muito, mesmo, os bichos vivos. Porque pode dar pena nas pessoas.

Agora, isso é meio contraditório, né? Porque... o que é que seria um problema pras pessoas? Essa lembrança visual de que elas tão comendo um bicho que até outro dia tava vivo, que teve uma vida curta e toda ela em cativeiro, justamente pra ser morto e ir parar no prato de alguém?

O pensamento da indústria alimentícia parece ser assim: "A gente faz isso. A gente só não quer lembrar você, consumidor, que a gente faz isso".

Bom, mas voltando pras granjas de criação de Chester, todo esse mistério que foi construído envolvia até a localização delas. O *New York Times* chegou a enfatizar naquela reportagem que as aves eram criadas em "lugares secretos".

Hoje já não tem mais problema nenhum dizer que as granjas secretas ficavam em Videira, Tangará e Capinzal. Essas cidades catarinenses. Mas na época não dava. Se o meu pai ou qualquer outra pessoa da equipe abrisse o bico, eles perdiam o emprego.

A direção da empresa tinha medo de espiões vindos de outros aviários, mais a oeste... mais especificamente, da Sadia.

Lânia Brandalise: E daí que eles também tinham um cuidado muito grande de segredo industrial, assim, né? Eu acho que isso também ajudou para que isso fosse tão guardado, assim...

Vitor Hugo Brandalise: Questões sanitárias, medo de espionagem, por tudo isso, pouquíssima gente era autorizada a entrar nas granjas. Famílias de funcionários, por exemplo, não podiam.

Lânia Brandalise: Tanto que você vê que nem as próprias... Imagine, agora estou pensando, nem eu como esposa fui e conheci a granja.

Vitor Hugo Brandalise: Eu queria muito poder dizer aqui que eu visitei uma granja de Chesters, ou Chesteres. Que eu já vi o bicho vivo e já tirei foto com ele. Mas não é verdade. Apesar dessa proximidade toda com a história, com a empresa, e de ter nascido na mesma cidade da ave, eu nunca vi um Chester

vivo. Nem a minha mãe. E nem a minha tia, a pessoa mais próxima de quem trouxe o bicho pra cá e cuidou que ele existisse. Quer dizer: eu tava de novo na mão do meu pai.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Eu vi inúmeros Chesters vivos. Os animais lindos. Um frango que tinha diferenças dos outros, ou seja, mais peito e uma coxa mais grossa... enfim.

Vitor Hugo Brandalise: Ele tava descrevendo com tanta emoção que eu não sabia se eu tava com ciúme porque ele nunca tinha falado assim de mim, ou se eu tava com inveja de ele ter visto esse bicho lindo.

E o pior é que nem foto ele tem, porque a empresa não deixava os funcionários entrar com câmeras nos aviários.

Hoje em dia – talvez até por causa dos boatos – de tempos em tempos, geralmente perto do Natal, a BRF solta uma ou outra imagem do Chester vivo. São poucas, mas dá pra encontrar em algumas matérias online. Mas na época não era assim.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Sempre com a restrição de manter isso em um local fechado, não bater fotos da época.

Vitor Hugo Brandalise: Por isso existem realmente muito poucas fotos do Chester vivo naquele tempo. O meu pai não tem nenhuma. A minha tia tem só do meu tio lá em Maryland, escolhendo o frango que daria origem ao Chester – e essa foto tá no site da Rádio Novelo.

Esse mistério todo em torno do Chester fez aparecer, claro, um monte de lendas sobre o bicho. Algumas eu falei aqui. A que eu mais gosto é a que pergunta: "o Chester, afinal, tem cabeça?" Mas eu fiquei com medo de perguntar essa pro meu pai e levar uma invertida... ou fiquei com medo da resposta, sei lá. Brincadeira.

Agora: claro que esse sigilo acabou dando margem pra teorias não tão engraçadas... que irritam muito o meu pai.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Que o Chester era um frango cheio de anabolizante, um frango bombado, um frango cheio de hormônios. Enfim. Coisas que eram... é um mito. Pessoal, é um mito.

Vitor Hugo Brandalise: Faz até ele quebrar de novo a quarta parede, cê viu.

Vitor Hugo Brandalise [Pai]: Eu, como responsável técnico da fábrica de ração nos idos de 79 até 87, quando eu saí para fazer o mestrado, eu era o responsável pela produção de ração do grupo todo da Perdigão. Mas, nesse período, eu era o responsável técnico e, pessoal, nunca usei hormônio em ração. Nunca, nunca. Então fiquem tranquilos. O que aconteceu foi desenvolvimento genético.

Lânia Brandalise: Porque até hoje eu ouço falar que o Chester tem hormônios, assim, né. Às vezes, em reuniões, assim, fala: "Ah, mas conta de verdade, mas não tem mesmo um hormôniozinho? Não tem?" Isso ficou uma coisa impressionante. Nossa, o Edésio se indignava, meu Deus, o Edésio se indignava, ele dizia: "Pelo amor de Deus, como é que pode, sem ter comprovação, você está falando com a pessoa que trabalha com isso. Uma pessoa que trouxe toda a genética, isso é um aprimoramento de linhagem e tudo." Mas... Seria acho que hoje uma fake news assim, né? E como para rebater uma ideia, assim, né, que é dita, é dita, é dita, é dita...

Vitor Hugo Brandalise: Esse é com certeza o mito que mais perturba quem tava diretamente envolvido no desenvolvimento do Chester.

Lânia Brandalise: Isso, olha, isso foi uma coisa que eu vi o Edésio ter que rebater até enquanto viveu. E eu continuo rebatendo...

Vitor Hugo Brandalise: Já as outras teorias não incomodam tanto. A de que ninguém nunca viu um Chester vivo, por exemplo...

Lânia Brandalise: Ah, não, isso ele, sabe aquela risada gostosa como quem diz: "Que bom, deixa pensar assim"... como um trunfo na mão, sabe? Que causava uma conversa, causava uma curiosidade, e ele estava certo do que tinha, né. Ele até rebatia e brincava: "É, ninguém viu o Chester vivo, como ninguém viu estátua de santo com óculos, né?" Brincava. Entrava na brincadeira. Ele não tentava argumentar nada, entrava na brincadeira. Porque sempre, quando ele foi, a conversa nas reuniões sociais, os lugares, "olha aqui o Edésio, que trouxe o Chester"... "tá aqui o moço que trouxe o Chester pro Brasil". Daí que vinha, né. Mas daí vinha, como vinha essa brincadeira. Pois é, mas até hoje ninguém viu um Chester vivo. Já vinha isso: como é? Como é que é essa história? O Chester existe? Daí ele ria, né.

Vitor Hugo Brandalise: O meu tio Edésio teve nas mãos o poder de desmascarar todas as teorias da conspiração. Mas ele preferia rir e manter o mistério... esse mistério natalino.

Será que era porque ele gostava de uma boa história? Ele gostava muito de contar histórias...

E qual história é melhor? O Chester sem cabeça, ou o meu pai, meu tio, e aquela velha guarda tentando fazer frente a essa obra da natureza que é o peru?

As crenças, as lendas... ou a história real, depenada, com todos os detalhes, todas as vísceras expostas... Qual que é melhor de ouvir?

Pra fazer esse episódio do Rádio Novelo Apresenta, pra contar essa história de lendas, de crenças e do que é real em torno do Chester, eu também submeti uma informação – que eu escuto desde sempre – pro escrutínio da realidade.

Vitor Hugo Brandalise: Agora, uma coisa que eu sempre fico brincando, né, uma frase que eu costumo falar, que é: o meu tio inventou o Chester, né.

Lânia Brandalise: Eu acho tão bonitinho! Muito bonitinho, meu Deus...

Vitor Hugo Brandalise: A minha tia, quando conta essa história, fala que foi o meu tio Edésio quem “trouxe” o Chester dos Estados Unidos. A gente sabe que ele conduziu o desenvolvimento dessa ave, foi o responsável técnico pela operação. E a gente sabe também, agora com muitos detalhes, que tem uma equipe enorme envolvida – do tratador ao produtor, do geneticista a quem faz a ração.

O meu tio inventou o Chester? Na mesa do bar... com um fundo bem concreto de verdade, eu vou continuar dizendo que sim.

Branca Vianna: Vitor Hugo Brandalise, produtor sênior aqui da Novelo.

Esse foi o último episódio do Rádio Novelo Apresenta de 2022. A gente vai tirar uma semaninha de recesso entre o Natal e o Réveillon, e tá de volta na primeira quinta-feira de 2023, no dia 5 de janeiro.

Obrigada por embarcar nessa com a gente, e por nos acompanhar nestes primeiros 6 episódios. Ano que vem tem muito mais!

Te convido a visitar o nosso site, que tá bonitão, e sempre tem informações extras sobre as histórias que a gente conta aqui, e sobre outros projetos da Rádio Novelo.

Infelizmente a gente vai ficar te devendo a foto do Vitor criança correndo atrás de um Chester...

Ali no nosso site – e também na descrição desse episódio no aplicativo – tem um link pra assinar nossa newsletter. Nela você recebe sempre, em primeira mão, um spoilerzinho do episódio da semana e também uma dica cultural de alguém da nossa equipe.

Aproveita também pra seguir o Rádio Novelo Apresenta no seu aplicativo de podcasts preferido, dar cinco estrelas, compartilhar nas suas redes, falar com os amigos, enfim, dar aquela forcinha.

Se você quiser repercutir as histórias com a gente – ou mandar uma história sua, uma sugestão, qualquer coisa – pode mandar e-mail pra apresenta@radionovelo.com.br, ou marcar a gente nas redes sociais, @radionovelo.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de estratégia é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise e a Evelin Argenta.

As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Clara Rellstab, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva.

A Paula Scarpin fez o desenho de som.

A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos.

Nesse episódio, a gente usou música original do Victor Rodrigues Dias e da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

A promoção e distribuição são da Bia Ribeiro e da FêCris Vasconcellos. O Eduardo Wolff faz as nossas redes sociais, com peças do Mateus Coutinho.

Obrigada, Feliz Natal – se você curte Natal – e até daqui a duas semanas.